

O MÉTODO ARQUEOLÓGICO: FOCOS LITERÁRIOS DE MICHEL FOUCAULT

Géssica Aline da Silva Gomes⁵⁶
Maria Vera Lúcia Pessoa Porto⁵⁷

RESUMO

Michael Foucault (1926-1984), filósofo francês contemporâneo que se dedicou à reflexão acerca do poder. Crítico, Foucault foi um ativista que se envolveu na luta pela reforma do sistema penitenciário, em específico, aprofunda-se no tema em sua obra *Vigiar e punir*, estudou vários problemas sociais, entre eles, a instituição escolar, a psiquiatria e a psicanálise praticadas de forma tradicional, além da sexualidade. Sobre a sexualidade, estudo compilado em três volumes, *História da sexualidade* estuda as formas e as transformações que a sexualidade veio tomando ao decorrer das décadas e foi se moldando de acordo com o poder vigente da época em questão. O filósofo se destaca por não buscar a verdade para que tal argumento seja verdadeiro ou não, o que ele quer fazer é uma arqueologia. Mas, o que seria isso afinal? É o método que investiga como o saber vem a ser o que é, seu intuito não é saber se esse saber é verdadeiro ou falso, consistente ou não, e sim quais são os processos necessários para que tal saber venha ser institucionalizado e compreendido. Foucault examina e procura entender a possibilidade de um saber, de uma verdade, independente de ser autêntico, sua intenção é vasculhar, é saber das condições históricas de um saber. Para isso, nesse período arqueológico, busca fazer uso do discurso, a arqueologia, termo utilizado no sentido metafórico, pois a utilização de tal palavra é para definir as diferentes formas de saber. Como embasamento metodológico, utilizaremos a obra: *As palavras e as coisas* de Michel Foucault, tentando desvendar o quanto nosso filósofo buscava demonstrar o cenário que existia no passado e que foi se tornando obscuro no decorrer da história.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Método arqueológico. Saber

1 INTRODUÇÃO

Em elucidação acerca da arqueologia do saber, Foucault, durante a década de 1960, passou a investigar de que forma os saberes se confrontavam entre si de modo que algumas formas de saber se consagravam e outras se tornavam desconhecidas. O filósofo francês usa o

¹ Licencianda do curso de Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN Mossoró/RN, membro do grupo de pesquisa: *Parástema, Paraskeue e Parresia* como *ethos* na filosofia de Michel Foucault. Email: gessicalinedasilva@gmail.com

⁵⁷ Professora Adjunta IV, do Departamento de Filosofia – DFI, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – FAFIC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduada em filosofia e com mestrado em filosofia prática pela Universidade Estadual do Ceará. Doutorado sanduíche na Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, Bélgica. veraluciapessoaporto@gmail.com

conceito de arqueologia para examinar as diferentes formas de saber. A arqueologia Foucaultiana é uma analogia à reconstrução de um cenário existente e que se tornou obscurecido pela história, ele faz uma importante análise do nascimento das ciências humanas e como as mesmas se desenvolvem na sociedade impactando na vida do sujeito a partir da epistemologia.

Percebemos que o principal foco de Foucault em sua pesquisa é mostrar como as relações entre sujeito e objeto do conhecimento se estabelecem ao longo da história, não exatamente em uma ordem cronológica, mas como os acontecimentos se dão e se tornam parte da cultura, além do mais ele fará uma observação de como essas junções entre sujeito e objeto se modificam e como progridem ao longo do tempo no interior dos discursos científicos.

O pensamento foucaultiano se faz muito presente na contemporaneidade tendo em vista que os estudos do filósofo francês se aproximam das inquietações gerais dos indivíduos. Suas pesquisas são de demasiada importância para as políticas sociais, já que em seus estudos o principal foco é questionar a noção tradicional do sujeito. Na arqueologia de Foucault, presente em sua primeira obra: *A História da Loucura*, que caracteriza o primeiro eixo de teor arqueológico, percebe-se o surgimento do objeto “loucura” em meio a uma vasta série de discursos que, historicamente, permite sua eclosão, na definição de Judith Revel (1999): “O discurso geralmente designa, na obra de Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regra de funcionamento comum.”, ou seja, a lógica que tal discurso obedece, permitindo que a gama de regras seja autorizada como legítima e verdadeira dentro de um contexto que aceite essa sucessão de princípios, são esses os termos que o Foucault usa no seu primeiro eixo. No seu segundo momento, que denominou de genealogia, não se distancia do método arqueológico, pois os pressupostos básicos continuam válidos, no caso da genealogia é incluir não só o discurso, mas as relações de poder envolvidas para que esse próprio saber venha a ser reconhecido como autêntico.

2 A ARQUEOLOGIA NO PENSAMENTO FOUCAULTIANO

Acreditamos que Foucault não busca encontrar a verdade de acordo com termos filosóficos comuns, seu intuito é encontrá-la e investigá-la tal, como a mesma se apresenta

disposta pelos ditames da razão. A arqueologia segundo a definição do filósofo em *As Palavras e as Coisas*:

Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a episteme onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou as suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a da sua perfeição crescente, mas, antes a de suas condições de possibilidades; nesse relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram luas as formas diversas do conhecimento empírico, mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”.(FOUCAULT, 2000, prefácio)

Entendemos, assim, que Foucault usa o termo arqueologia no sentido de ir à busca dos campos das possibilidades que permitissem a veiculação dos conhecimentos, e, dessa forma, ele começa a perceber que os conhecimentos vão emergindo, porém, estarão de imediato, entrelaçados nas relações de poder-força. Para que o tal exercício de controle, de poder, de governo esse saber será empregado? Para esta indagação é preciso considerar que saber e poder são e estão emaranhados como uma espécie de teia, seja na sexualidade, seja no governo do corpo, seja no poder social, seja no comportamento. Inclusive na vida e nas escolhas do sujeito. Por isso, o filósofo usa o termo *saber-poder* em diversas situações ao longo de suas obras, como podemos ver em seu livro *Vigiar e Punir*:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisada a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria o saber. (FOUCAULT, 1999, p. 31)

O filósofo, em sua pesquisa busca, saber como se faz, pois esse saber fazer também constrói o sujeito, pensar a história a partir do procedimento ao contrário de método estabelecido, que para ele é um meio de disciplinar o sujeito, tendo em vista que o

procedimento, segundo Foucault, remete à forma como se lida e se manuseia o que se sabe e o que se faz com tal saber, visto que o interesse de sua pesquisa não está em encontrar o início, mas sim em entender o porquê de alguns conhecimentos terem se cristalizado e sido aceitos socialmente em detrimento de outros. O filósofo traz um conceito, o qual chama de discurso em *As Palavras e as coisas*, onde o explica melhor apenas na *Arqueologia do saber*, como:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação “discursiva”; este conjunto é limitado a um certo número de enunciados, além de ser “histórico” – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo. (FOUCAULT, 2009, p. 132-133)

Isto é, o procedimento arqueológico em Foucault não separa os conhecimentos, essa conexão em um exercício de separação se faz presente, pois essa separação não está dada claramente, mas é um efeito de um conjunto de discursos e do modo como os sujeitos passam a pensar esses discursos, o que transforma o saber em disciplina não é o saber em si, mas a separação que é o fruto das configurações sociais que se apresentam na história.

Refletir acerca de documento ou do arquivo como acontecimento na arqueologia foucaultiana nos faz cogitar sobre a temporalidade como algo importante, mas que não é apenas isso, é o próprio estatuto, a legitimidade do documento. Não é uma questão de determinado acontecimento ter ocorrido ou não, o importante é o arquivo estar sendo pensado como documento. Nessa busca, o filósofo francês nos permite entender qual foi o processo que transformou o acontecimento em fato, em verdade e, conseqüentemente, em documento, ou seja, ele busca montar os vestígios que ajudam a construir a importância daquele acontecimento como documento, para assim, se dar como concreto o acontecimento que se torna um discurso.

Pode-se dizer que, para Foucault, acontecimento seria diferente do fato. E pensar o discurso como acontecimento, tendo em vista que, para ele, discurso é prática e ação, sendo assim, cogitamos que acontecimento seria um evento, seria um momento histórico, seria uma ação. Mas por que o acontecimento não é um fato na filosofia foucaultiana? Porque o fato é uma verdade, ou seja, seria um conjunto de acontecimentos que produzem no discurso uma verdade de algo. Então, faz-se necessário entender como se concede esse conjunto, e, a partir

disso, considerar eventos históricos não como fatos, mas como acontecimentos. A ideia de fato pressupõe uma verdade que não foi interpretada, porém descrita. Deve-se pensar o enunciado como acontecimento e não como um fato. É o que nos explicita Foucault em *A Arqueologia do Saber*:

A história das ideias é, então, a disciplina dos começos e dos fins, a descrição das continuidades obscuras e dos retornos, a reconstituição dos desenvolvimentos na forma linear da história. Mas ela pode, também e dessa mesma forma, descrever, de um domínio a outro, todo o jogo das trocas e dos intermediários: mostra como o saber científico se difunde, dá lugar a conceitos filosóficos e toma forma eventualmente em obras literárias; mostra como problemas, noções, temas podem emigrar do campo filosófico em que foram formulados para discursos científicos ou políticos; relaciona obras com instituições, hábitos ou comportamentos sociais, técnicas, necessidades e práticas mudas; tenta fazer reviverem as formas mais elaboradas de discurso na paisagem concreta, no ambiente de crescimento e de desenvolvimento que as viu nascerem. (FOUCAULT, 2008, p. 155)

A análise arqueológica presente na filosofia foucaultiana não está direcionada ao tempo linear dos acontecimentos, tal qual um estudo historiográfico com início, meio e fim, como acontece na história das ideias, como podemos observar em *A Arqueologia do Saber*, segundo Foucault:

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro discurso" mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica". (FOUCAULT, 2008, p. 155)

A arqueologia como procedimento não está dizendo a respeito da organização das coisas dentro da temporalidade, mas sim em um suposto importante que é colocar o analista em uma posição de alguém que fala e produz um recorte e é responsável por este, logo, o ponto de partida não é onde tudo se deu início, todavia por onde o analista escolhe o ponto inicial.

Em Foucault, na medida em que seus textos vão avançando, o filósofo vai deixando mais claro que o problema importante é entender a produção do sujeito subjetivado, moderno, único, exclusivo e absoluto, como foi produzida esta dimensão desse indivíduo e para pensar esse problema dentro da ideia de discurso existe uma determinada categoria que produz um conjunto de saberes, como, por exemplo, a sexualidade, a disciplina, o corpo.

Para o filósofo francês a ideia de moralidade não se mostra como algo fechado, nem como algo pré-discursivo, entretanto como um efeito de verdade e a moral seria uma categoria a partir do recuo arqueológico. De que forma a moralidade poderia ser construída? Ora sendo refutada, ora sendo aceita. Para Foucault, negar a moral seria algo bom, pois, quanto mais se quer combater algo ou não falar de determinado tema mais se produz coisas sobre este. Foucault relata isso no livro *História da sexualidade vol.1: Vontade de Saber*:

[...] Em compensação, no nível dos discursos e de seus domínios, o fenômeno é quase inverso. Sobre o sexo, os discursos — discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto — não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII. Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos "ilícitos", discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. (FOUCAULT, 1999, p. 22)

O interesse de Foucault, aparentemente, não está em descrever o progresso do reconhecimento em que se chega a uma ideia de objetividade. Seu objetivo, ao que nos parece, seria entender como essa ideia de objetividade se produz e como esse exercício de objetificar as coisas em geral seria fundamental para produzir uma verdade em relação a determinados saberes científicos, em outros termos isso pode nos dizer que, a objetividade não é o ponto de chegada, mas um ponto de partida para compreender quais são os mecanismos e os processos que estão presentes nas relações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, por conseguinte, que a principal preocupação de Foucault se apresenta na busca por entender como as normas se constroem e como são consolidadas ao longo da história.

Porém, em sua pesquisa notamos que ele não se limita a analisar somente os fatos apenas documentados, pois acontecem alterações na interpretação dos fatos ao longo das décadas e a exposição às adequações de acordo com o que se é conveniente em determinado momento. Sendo assim, para o filósofo, as normas devem ser questionadas e revisadas, posto que em sua maior parte tais normatividades limitam e desconsideram as singularidades de cada sujeito.

Ao levar em consideração que as normas sociais estão sempre em constantes mudanças devido ao avanço epistemológico, as leis se tornam obsoletas por não servirem mais a um propósito das relações de *saber-poder* que se estabelecem dentro dos liames da história. Ademais, nem todo discurso irá se constituir em discurso científico e nem por isso seu acontecimento será diminuído. Depreendemos, desse modo, que em uma análise-estudo feito e produzido por Foucault, não importa onde o conhecimento deveria chegar ou de onde veio, o que se faz importante é a produção histórica e concreta dos acontecimentos que, posteriormente, vieram a se tornar discursos.

Enfim, o que se poderia considerar uma síntese da proposta de Foucault conforme Inês Lacerda Araújo disserta: “Foucault não faz história das ideias nem história das ciências, e sim a análise da possibilidade da ordem, positividade histórica, a partir da qual um saber pode se constituir, a partir do qual teorias e conhecimentos, reflexões e ideias são possíveis. E é nesse espaço de ordem que o saber se constitui” (2007, p. 90).

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para arqueologia do saber. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da nação-conceito de formação discursiva. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.